

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 672

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
AMC ADP

CONSEQUÊNCIAS DUMA INTRIGA

por LEONOR DE CAMPOS

VIVIAM em paz o pardal e a pardoca. No seu ninho fôfo, construído com amor e carinho, cinco ovinhos abriam em breve, para deixarem sair uns pardaletos pequenos e alegres, filhos daquele casal

exemplar.

Mas, certo dia, apareceu no pinhal uma senhora Pêga.

Senhora Pêga, bisbilhoteira e invejosa, metia o bico em todos os ninhos. Mas nenhuma das avezinhas lhe ligava importância. Então, usou dum estratagemas:

Foi colocar-se perto do ninho dos Pardais e desatou a piar:

«Ai que sou tão desgraçada!... Não tenho casa, nem nada!... E os outros passarinhos, não querem ser meus vizinhos!... Vou fugir, vou-me matar!... Vou-me deitar a afogar!...»

Senhora Pardoca deitou a cabecita fóra do ninho e, apiedada, disse ao marido:

«Maridinho! Meu queridinho!... Sinto pena verdadeira!... Convida p'ró nosso ninho a dona Pêga Palreira!...»

O Pardal abanou a cabeça e retorquiu:



«Tem muito, muito má fama, esta tal Pêga Palreira... Dizem que é má, intriguista, curiosa e bisbilhoteira!...»

Mas a senhora Pardoca fez befcinho e o marido, receando que a comoção lhe fizesse mal, resolveu, muito contra vontade, convidar dona Pêga a entrar no ninho dêles. Foi o que esta quiz ouvir.

Aos pulinhos, muito contente, pôs-se a cantarolar baixo:

«Ai que bom!... Já tenho ninho!... E terei rico almacinho, à custa dêste parvinho!...»

Saltou para o ninho dos Pardais e piou ao ouvido da Pardoca:

«Mande o seu marido embora... Preciso falar consigo, mas não quero que ele ouça, quando não... corre comigo!... É assunto muito sério!... É por causa dum mistério!...»

(Continua na página 3)



Dois pequenos nos COW-BOYS

por JOSÉ D'OLIVEIRA



ERAM dois rapazinhos, duma família rica, muito irrequietos e folgazões. Artur contava onze anos e Rui oito.

Estavam a passar as férias grandes numa linda casa da província. Durante o ano escolar viviam na cidade; mas, logo que ele findava, era com imensa alegria que voltavam para a aldeia. Aqui, tinham os campos e os montados para correr livremente, brincar e folgar.

Das amplas janelas da sua casa, avistava-se um horizonte magnífico: — ao fundo o extenso vale, cercado ao longe por montanhas; milharais oscilavam ao vento; caminhos coleavam em muitas direcções, ladeados por renques de árvores; grupos de pinheiros e carvalhos salpicavam de manchas verde-negras o tapete amarelo das seares maduras. Aqui e além, erguiam-se as casas dos lavradores, onde uma chusma de gente se movia na fatigante azáfama das colheitas... E, à noite, subia da campina até às janelas da casa fidalga, o cantar mavioso das raparigas nas desfolhadas do milho.

Artur findára o primeiro ano do Liceu com muito aproveitamento. Seus pais, radiantes de alegria, disseram-lhe:

— «Queremos premiar o teu esforço. Dize o que queres...»

— «Dêem-me um livro de aventuras. É o que mais me interessa.»

No dia seguinte, entregavam-lhe um, chamado «Rumo incerto.»

Apassionado até à medula por este género de literatura, Artur «devorou» o livro em pouco tempo. Aquela vida errante e vagabunda do personagem, galvanizava-o. Já nos filmes que, na cidade, todos os sábados, seus pais lhe proporcionavam, eram os de aventuras os que mais o entusiasmavam. «Cow-boys», «gangsters», «detectives», fugas a cavalo, contos à volta duma fogueira, roubos, tiros, mortes — eis as visões que ele adorava sobremaneira.

E aquele livro, que tinha agora entre mãos, era o de um «cow-boy» e

aventureiro. O que ele queria, afinal.

Quando o acabou, Rui começou a lê-lo, pois que participava, também, dos entusiasmos fraternos. Era vê-lo, depois, nos passeios, nas refeições e mesmo, à noite, na cama, a interrogar o irmão sobre certas particularidades:



— «Achas, Artur, que, quando o Bill disse ao Fred que ia fugir para a América, este fez bem em se deixar ficar em Londres?»

— «Se fôsse eu, ia logo. Assim quando o cavalo de um, rebentasse de cansaço, o outro levava o irmão na garupa do seu.»

— «E que dizes de ele começar logo por ser moco»

de caviariça? Eu ia logo para um rancho...»

— «Devagar se vai ao longe, Rui. Não vês que ele, nesse tempo, se aperfeiçoou a cavalgar? Que seria d'ele, sem esta preparação, quando o submeteram, no rancho, a exame para ser «cow-boy?»»

— «Daquela vez em que ele, antes de domar o potro, deu com as costelas no chão, umas cinco vezes?»

— «Sim, sim.»

— «Ah! Mas, olha, se fôsse eu, não andava sempre a sirandar. Empregava-me num rancho e... pronto!»

— «Não vês que os contractos acabavam com a recolha dos gados? Tanto mais, acho que era muito melhor correr terras do que estar toda a vida no mesmo sítio...»

Andava pouco expansivo o Artur. O irmão ia por vezes encontrá-lo, nos lugares mais esconços do jardim, imerso em profunda cogitação.

— «O' Artur, anda brincar. Que estás a fazer?»

(Continua na página 8)





Conseqüências duma intriga — (Continuação da página 1)

A senhora Pardoca olhou-a, muito admirada. Mas como a Pêga lhe fazia sinais misteriosos, ficou cheia de curiosidade. Então, piou:

«Estou com fome, maridinho, Quería agora o almocinho...»

O senhor Pardal imediatamente se levantou. E depois de beijar a esposa, voou para longe, à procura de bichinhos para o almoço.

Então, dona Pêga Palreira, fingindo-se muito contristada, exclamou:

— «Agora, que estamos sós, vou dizer-lhe o que há pouco ouvi ao meu primo Córvo. Contou-me ele que na mata onde o seu marido costuma ir procurar bichinhos para se sustentarem, vive uma pardoquinha ainda menina, linda como os amores. E como anda a aprender canto com um rouxinol, já canta tão bem, que o seu marido apaixonou-se por ela. E está resolvido a deixar vossa bicheza, para casar com a linda pardoquinha...»

A senhora Pardoca abriu muito os olhitos ingênuos e piou, aflita:

— «Isso é verdade?»

— «Tão verdade como eu ser muito sua amiga. Sim. Porque se eu não fosse sua amiga verdadeira, nada lhe diria...»

— «E agora, que hei-de eu fazer?»

— «Muito simples — retorquiu a espartalhona. Vossa bicheza vai já à tal mata. Procura a Pardoca e parte-lhe o bico. Depois dá uma sova no seu marido. Ele fica-lhe com medo e já a não abandonará...»

— «Sim. Eu ia... Mas não posso deixar arrefecer os meus ovinhos!...»

— «Lá por isso, não se aflija. Eu tomo-lhe conta deles.»

A palerma da Pardoca aceitou o oferecimento. E voou em direcção à

mata, deixando a Pêga no seu ninho. Esta não perdeu tempo. Papou os cinco ovos e, em seguida, regalada, acomodou-se para dormir.

Entretanto, a senhora Pardoca chegava à mata. Apurou o ouvido, a ver se distinguia o canto da Pardoquinha. De repente, elevou-se no ar uma melodia suave:

«Repiu-piu-piu-piu!...
Voz como esta minha,
tão afinadinha,
oh! jamais se ouviu!...»

Com a cabeça perdida, a senhora Pardoca voou para o ponto donde saía o canto. E ao ver a avezinha que cantava, atirou-se a ela às bicadas, num desespero. Tão cega ia que nem reparou que quem cantava, era uma cotovia e não um pardal.

A cotovia, apanhada de surpresa, soltava pios lastimosos, procurando defender-se das fúrias da senhora Pardoca.

O marido da cotovia, que regressava ao ninho, ao ver que a sua esposa estava a ser vítima de maus tratos, atirou-se à agressora. Inúmeras avezinhas, atraídas pelo ruído da luta, vieram também. O senhor Pardal, que andava por ali perto, conseguiu espreitar, para ver o que se passava. E qual não é a sua surpresa ao ver envolvida na desordem sua mulher, tão pacata e meiga.

— «Mulher!... Mulher!... — gritou ele aflito. Que é isto? Que estás aqui a fazer? Mas, neste momento, a senhora Pardoca, exausta pelo combate, coberta de sangue, caía no chão desmaiada...»

Quando, ao voltar a si, ela explicou o que se passara, tôdas as avezinhas,

em volta, piavam de indignação contra a intriguista da Pêga.

— «A' morte a Pêga Palreira!...» — gritavam uns.

— «Expulsemos esta malvada!...» exclamavam outros...

E todos à uma resolveram ir castigá-la. Senhor Pardal à frente a amparar a esposa, puzeram-se a caminho, decididos a acabar, de vez, com semelhante velhaca...

Pouco depois, no meio de enorme chifrim,

Essa tal Pêga Palreira malvada, bisbilhoteira, intriguista e mentirosa, calaceira e curiosa, era corrida à bicada por aquela passarada, indignada com a grande descarada!...

Nessa noite um cântico suavíssimo se ouviu no pinhal.

Era o senhor Rouxinol, que cantava as suas mais tristes canções, associando-se de esta forma à dor dos pobres pardais, que haviam perdido os seus cinco ovinhos!...

E a senhora Pardoca chorava baixinho, com a cabeçita encostada à asa do marido e repetia, entre soluços:

«Eu dei ouvidos a intrigas!...
Por isso fui castigada!...
Quem quiser viver feliz,
deve ser desconfiado
do que a voz do povo diz?...»

FIM

UMA AVENTURA NA SELVA

Por MANUEL FERREIRA

DESTACADO há muito, num posto administrativo do interior do Niassa, Carlos Alberto vivia, aborrecido, longe do convívio de brancos.

O posto distava quasi dois dias de viagem da mais próxima vilória. Sózinho, dirigindo seis mil negros pouco pacíficos, contidos em respeito por seis cipaíes, também de cor, nada apeteçível era aquele lugar.

A única distração de Carlos Alberto era a caça. Demais, o distrito era abundante desde os antílopes e zebras aos elefantes e rinocerontes.

Certa tarde, deixando o posto entregue a Abdul, o chefe dos seus cipaíes, homem da sua maior confiança, embrenhou-se na floresta. Andava durante largo tempo, quando ouviu uns nivos muito débeis. Procurou averiguar donde elles partiam e, cautelosamente, viu um covil sombreado por arbustos espinhosos. Lá dentro, estava um leãozinho.

Carlos Alberto atagou-o e a ferezinha lambeu-lhe as mãos, como se compreendesse as caricias. Então, o chefe do posto resolveu levá-lo consigo.

Assim fez. E, nessa noite, já o leãozinho adormeceu, satisfeito, em cima duma pele de hiena.

Abdul é que não ficou satisfeito. Alegava que o animal dificilmente se

domesticaria e que se a mãe ou o pai desse com o paradeiro de filho, fariam passar um mau bocado a Carlos Alberto.

Este porém, não escutou essas



advertências e o leão, a quem foi dado o nome de *Juju*, cresceu, tornando-se um animal formosíssimo.

Vinha comer à mão do dono e andava na mais ampla liberdade pelo posto. Abdul, embora, às vezes, se mostrasse reoçoso, acariciava, também, o *Juju*. Passaram-se semanas. Uma noite

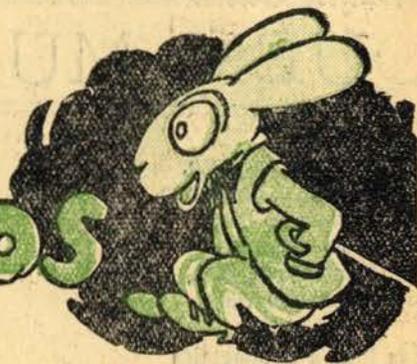
porém, Carlos Alberto ouviu rugides fortes em torno da cerca do posto.

Abriu a porta e viu da parte de fóra da palissada, uma leõa. Cautelosamente, aproximou-se e viu a fera lambe *Juju*, carinhosamente. Era, decerto, a mãe.

Carlos Alberto ficou impressionado



O COELHO E OS COGUMELOS



Por LAURA CHAVES

Junto ao tronco duma tília,
nasceram, fortes e belos,
todos da mesma família
seis enormes cogumelos.
Dos seis, um era o mais forte.
Tinha o ar de quem comanda...
Troçava do Vento Norte
e usava o chapéu à banda.

E o seu dente roedor
já terrincava de gôzo
diante de tal primor.

A coelha, mais sensata,
ao observar esta cena,
disse, puxando-lhe a pata:

E, num pronto, coelhinho
o tal petisco enguliu
mas quando no seu papinho
o cogumelo caiu,
ficou logo envenenado,
estrebuchando no chão...
Depois, caiu para o lado
e era uma vez um lambão.



Dum cinzento amarelado,
com risquinhas côr de rosa,
muito gordo e anafado,
tinha uma polpa famosa.
Certo coelho lambão,
um dia, ficou varado,
vendo uma tal perfeição,
pois nunca houvera provado
cogumelo tão famoso!

— «Vê lá bem se te envenena...»
Mas êle não se convence
e grita: — «Forte quizzilla!
Pois não vês que êste pertence
a uma esplêndida família?!
Ês pateta! Basta vê-lo
e ao seu aspecto garboso
para ver que o cogumelo
não pode ser venenoso!»

Pois o Homem é assim
tal qual como o cogumelo...
Qual é o bom? O ruim?
Vá lá a gente sabê-lo!

F I M

com aquele exemplo de amor maternal. O leão é que, daí para o futuro, começou a mostrar-se mais arisco. E, tôdas as noites, a leão vinha ver Juju.

Se bem que Carlos Alberto gostasse muito do leão, é certo que já pensava dar-lhe a liberdade.

Entretanto, os negros estavam cada vez mais insubmissos, devido ao estabelecimento de um imposto. E, uma tarde, um grande contingente deles, armados e em som de guerra, aproximou-se.

Abdul e os seus homens viam iminente o conflito. O fiel negro avisara-se com os rebeldes a quem fez ver que Carlos Alberto não podia desobedecer ao Estado.

Caía a noite e ouvia-se já o batuque. No pôsto não se podia resistir aos inimigos.

Que fazer?

Horas se passaram... Mas, quando Carlos Alberto se dispunha a vender cara a vida, ouviu-se um rugir de leões. Juju, excitado por ouvir o batuque e o berreiro dos indígenas, arremeteu, ferozmente, contra a palissada. Conseguiu abatê-la, e, com a leão-mãe, fugir em direcção aos negros. Perto dali, estava o pai de Juju.

Os prêtos, que não esperavam o ataque das três feras, debandaram. Imediatamente, Abdul, a cavalo, se pôs a caminho, em direcção à vilória. Chegou lá na tarde do outro dia e

conseguiu trazer reforços. Mas já não fôram precisos. Depois do ataque dos leões, os rebeldes vieram entregar as armas.

Quanto a Juju, Carlos Alberto nunca mais o viu. Depois de ter prestado, involuntariamente, tão belo serviço, desapareceu com os pais na imensidade da floresta.

Passado tempo, porém, quando o chefe do pôsto andava caçando, viu um leão corpulento dirigir-se a êle, serenamente. Empuou a arma, mas reconheceu Juju. Este lambeu as mãos do seu antigo dono e, depois, com majestade, voltou para o capim...

F I M

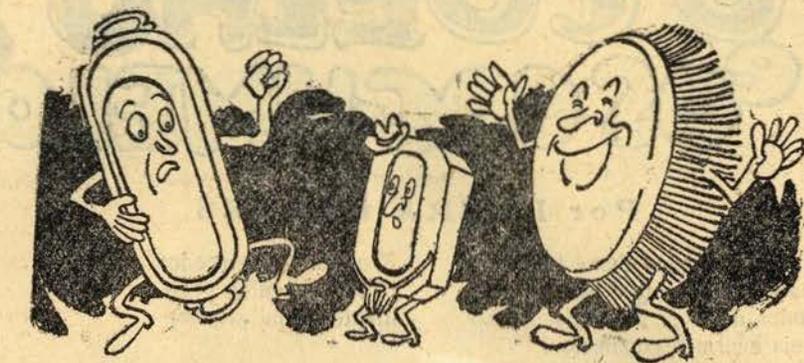
QUEM MUITO FALA... POR FELIZ VENTURA

Um Sabonete cheiroso,
que se mirava, orgulhoso,
na sua capa de côr,
foi um dia colocado
num lavatório de luxo,
do mais subido valor.

Mas logo a Saboneteira
diz com voz arrelhiada:
— «Ó céus que sensaboria,
nunca mais 'stou descansada.

Vivia tão bem, sózinha,
neste canto recatada,
e já outro maçador
vem, sem me pedir licença,
pôr-me tôda besuntada.»

— «Olhem que grande melindre,
— diz a escova a gargalhar —
Em que sítio é que a vizinha
o queria ver morar?
Em cima da prateleira,



ou na casa de jantar?!
Olhe, amiguinha, juízo;
e não seja regateira,
viverá mais descansada;
assim, essas atitudes
não lhe servem para nada.»

Mas a outra, enfurecida,
grita com voz de desdém:
— «Você, sua pelintrona,
pensa ser aqui alguém?

Vir, assim, tôda doutora,
dar ordens, querer mandar,
olhe que eu sou cristal puro,
nada me pode igualar.

Assim, tôda lambisgoia,
feita de reles marfim,
vir com modos orgulhosos
a querer mandar em mim!
Inda está para nascer
quem me seja sup'rior,
aqui neste lavatório
sou eu quem tem mais valor.»

Mas ainda não acabara
tôda aquela linguágem,
quando entrou no lavatório
uma outra personagem.

Era um novo morador.
Num 'stojo de rica prata,
a capricho trabalhada,
tinha dos dentes a pasta
sua luxuosa morada.

Em face de tal, a escova
disse com ar escarninho:
— «Então, já não nos diz nada?
ou ficou incomodada
por termos mais um vizinho?!»

E tanto, tanto se riu
da pobre saboneteira,
que esta, já envergonhada,
desde êsse dia em diante
nunca mais lhe disse nada.

Sêde na vida prudentes
e atendei neste teor:
— Por maior que nos julgemos
há sempre um que é sup'rior!

Concursos «Relâmpago»

O «Pim-Pam-Pum» dá início, neste número, a uma nova modalidade dos nossos **Concursos Quinzenais de poesias e contos infantis**, que consiste nas seguintes bases e condições:

Todos os nossos leitores, com aspirações literárias, cuja idade não seja inferior a 15 anos, poderão concorrer aos **Concursos — Relâmpago**, com pequenas poesias e pequenos contos infantis, cuja extensão não ultrapasse meia página de papel pautado ou de ofício, quando dactilografada, ou uma página inteira, quando manuscrita.

Serão conferidos três prémios às três melhores produções em prosa ou verso, respectivamente de 40, 50 e 20 escudos e número ilimitado de menções honrosas, com di-

reito à publicação dos retratos dos seus autores no nosso suplemento.

Tôdas as produções destinadas aos referidos concursos, deverão ser endereçadas à redacção do «Pim-Pam-Pum», Rua do Século, 63, Lisboa, acompanhadas dum sobrescrito lacrado, com a legenda igual à que subscrever cada produção, contendo o nome e a morada do concorrente.

As poesias e os contos serão ilustrados pelos desenhadores do «Pim-Pam-Pum», aos quais, para tal fim, distribuiremos as composições premiadas e a importância dos prémios será cobrada, pelos premiados, nos primeiros dias do mês imediato à sua publicação, na Administração de «O Século».

CURIOSIDADES

A CERIMÓNIA NUPCIAL NA CHINA

As cerimónias do casamento são muito curiosas na China. Estas cerimónias revestem um aspecto tão fúnebre como se se tratasse de um enterro. Tudo chora, começando as lamentações pela mãe da noiva. Esta, depois de ter trocado os presentes de núpcias, veste-se de brocado de seda vermelha.

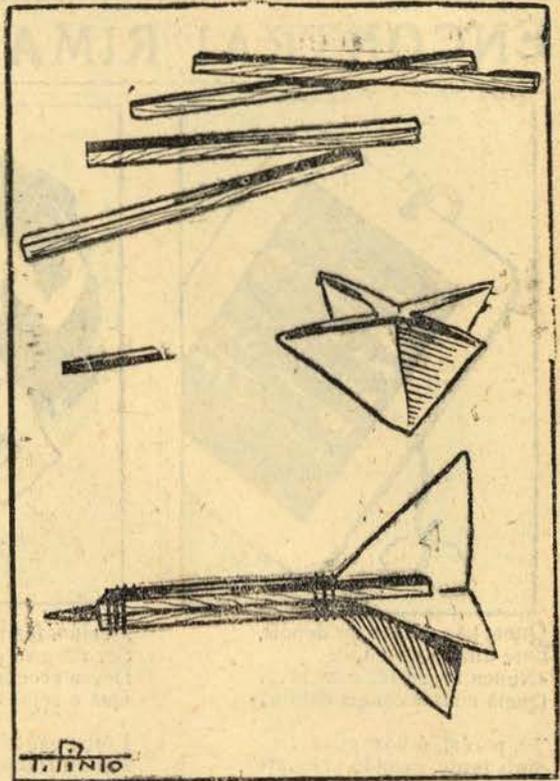


Pintam-lhe de negro as sobancelhas; colocam-lhe sobre a cabeça um grande véu e na testa pérolas falsas. Preparam uma linda mesa, e a noiva é conduzida por cinco raparigas; sentam-se todos mas ninguém come. O silêncio é tumular até à altura em que a mãe desata num choro desesperado, no que é secundada por todas as pessoas presentes, incluindo a própria noiva.

Depois de terem olhado apenas para os acepipes que estão sobre a mesa e que ficam intactos,

a noiva dirige-se para um trono, seguida pela mãe desalentada. Entra, então, o noivo que vem acompanhado por quatro homens, ordenando que mostrem a sua nova residência à noiva; esta, é, então, levada sobre um trono, a percorrer todos os compartimentos da casa. Nesta altura os convidados espalham sobre os noivos grande quantidade de arroz, a que atribuem o condão de lhes dar felicidade.

É patusco, não acham?



T. LINS

SETAS

Não são necessárias explicações, para fazerem este brinquedo.

O material é constituído por 4 fósfors, uma agulha de gramofone, uma linha e um quadrado de papel de 6 ou 7 cm. de lado.

Podem entreter-se com os vossos amigos, jogando-as a um alvo e ganhando aquele que melhor pontaria possuir.

UNSPATINS

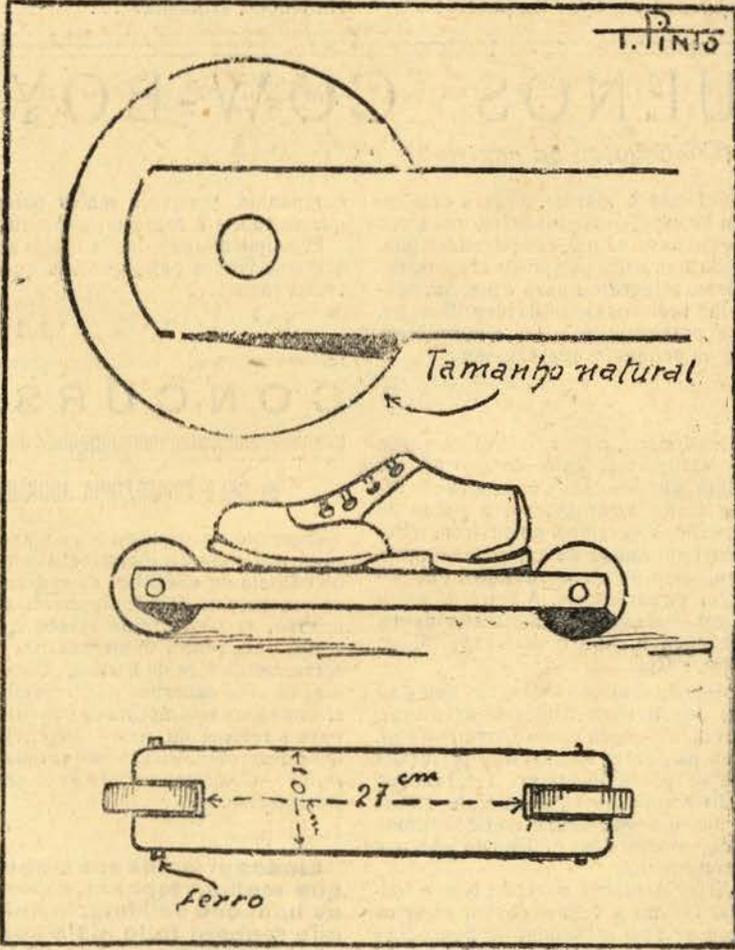
Este brinquedo é um tanto difícil de fazer e é, por conseguinte, para os mais habilidosos.

Poucas explicações são necessárias. Basta olhar para o esquema, para se ver, mais ou menos, a forma de se construir.

As rodas só executadas num tórno ficarão perfeitas.

Os eixos são feitos dum tubo de ferro ou aço e atravessam a base de madeira e as rodas.

Para segurar os patins aos pés, podem pregar-lhes uns sapatos velhos ou uma correia, quando os não haja.

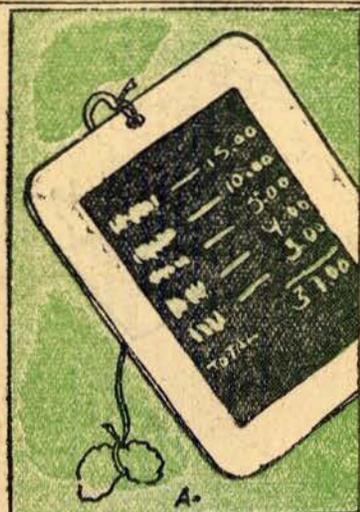


T. LINS

Tamanho natural

ferro

ENCONTRAIS RIMAS e FIXAIS CONCEITOS



Quem não olhava ao depois,
Este ditado inventou:
«Nunca arada fêz com b...,
Quem muitas contas deitou!»

Tu, porém, ó bom miúdo,
Mais tarde, quando cresceres,
Deitarás contas a t...,
Para não te arrend...!



Menino, faz por ser forte,
Ser robusto e são, porém,
Deves proceder de s...,
Que o sejas só para o b...!

Fôrça não sirva, estudante,
Para a fracos fazer mal:
Não é vitória brilh...,
Que vença um tigre um pard...!



A terra humilde do chão
Dá-nos o sangue do peito,
E muitos, que ingrátid...!
Cospem nela sem resp...!

Tal não façais, respeitar
Deveis quem é mãe das flores.
Para cuspir, escarr...
Há lenços, escarrad...!

DOIS PEQUENOS COW-BOYS

(Continuação da página 2)

- «Deixa-me. Vai brincar tu.»
- «Mas diz lá o que tens?»
- «Já te disse. Arruma-te.»

Atemorizado, o pobre Rui ia contar aos pais; mas nem estes conseguiram desvendar o mistério em que Artur se envolvia. Supuzeram saudades dos colegas do Liceu e disseram:

— «Isto passa. Daqui a oito dias regressamos a cidade.»

Uma noite, Rui é sacudido pelo irmão que lhe segreda:

- «Queres vir comigo?»
- «Para onde?» — Responde Rui, esfregando os olhos.
- «Para... para a América...»
- «Vamos, então, ser «cow-boys»?»

Ai que bom!
— «Fala baixo, maluco. Vamos proceder assim...» — E expôs-lhe o plano da fuga.

Gritos, choros, ordens, barafunda em toda a casa. Que sucedeu? Artur e Rui haviam desaparecido. Apenas se levantaram, pediram a bênção aos pais, tomaram o café e saíram, dizendo que iam brincar para os campos. O criado, que os foi chamar, depois, para o almoço, não os encon-

trou. Dado o alarme, toda a criadagem se espalhou pelos arredores a ver se os achava. O pai, consternadíssimo, vendo que estas pesquisas eram infrutíferas, telegrafou para a polícia, dando-lhe todos os meios de identificação. Mas passavam-se horas e horas, sem que os pequenos aparecessem.

Decorridos, porém, três dias, surge um automóvel junto do portão da quinta. Os desolados pais, que choravam ainda amargamente a perda de seus filhos queridos, ao ouvirem o buzinar continuado do carro, acorreram logo, como que pressentindo o que, de facto, viram depois. À beira do automóvel, estava um polícia sorridente, que dava a mão a dois rapazinhos: Artur e Rui...

Meninos que me lêdes, vós que gostais dos livros e filmes de aventuras, não façais nunca como o Artur e o Rui. Eles passaram as maiores privações que se possa imaginar. Tiveram que pedir esmola, eles que eram tão ricos! E um dia estiveram metidos numa mina, só com duas côdeas de pão, por chover muito.

Artur arrastou o irmão. Não o imiteis. Os mais velhos devem guiar os mais novos mas para o bem. Não acrediteis aliás nesses «cow-boys» e

companhia, porque a maior parte do que se relata é fantasia, é mentira.

E, acima de tudo, não roubeis a alegria aos vossos pais, que vos querem tanto, tanto!...

F I M

CONCURSO

da BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA

Começou na segunda feira e prolonga-se até o dia 22, inclusivé, a entrega no edifício do «Século», de cadernetas do concurso da *Bela Princesinha Adormecida*. O concorrente receberá, em troca, uma senha numerada. Os concorrentes de fóra de Lisboa, podem enviar os seus cadernos pelo correio, incluindo uma estampilha de 40 centavos para a remesa da senha. No envelope devem escrever *Redacção do «Pim-Pum»* — Concurso da *Bela Princesinha Adormecida*.

Lindos prémios aos meninos que melhor tenham colorido os bonecos da históriazinha e que tenham feito mais bonita encadernação.